



**MINISTÉRIO DA DEFESA
ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA**

“A Reformulação dos Cursos da ESG”

(Intervenção no “WORKSHOP” sobre Reestruturação do Ensino, ESG, 21 Fev 2002)

Prof. Paulo Cesar *MILANI* Guimarães

Sr. Comandante

Esta é a primeira vez que o CP/ESG é chamado a opinar sobre a reestruturação dos cursos da Escola.

Falo, sabendo que remanesce pouca experiência na Escola do que ela foi, que há excessiva impregnação de idéias velhíssimas que nos foram apresentadas como novidades e que há um bom volume de críticas, algumas procedentes, outras não, mas que podem servir para destruir ao invés de construir, se não houver a devida atenção para isso. Contudo é melhor falar do que deixar passar a oportunidade. E à DAPs cabe uma responsabilidade particular nisto.

A ESG é uma criação única, absolutamente sem similar e sem concorrente. Assim tem sido. Os que a conceberam, acolhendo uma idéia que se inscrevia nos lances da Guerra Fria (e seus alinhamentos e realinhamentos), sabendo ou sem saber, acabaram por produzir o que ela procurou ser por muitos anos, uma espécie de intelectual orgânico de caráter institucional, capaz de inspirar um setor importante da inteligência nacional, favorecendo a posição dos que se opunham a um intelectual orgânico de caráter ideológico que se afirmava na cena político-social do País. Isso tanto mais importante num país onde as idéias são apropriadas e defraudadas por partidos políticos que servem apenas ao fisiologismo dos que pretendem ser fiéis ao poder real (o do dinheiro).

A ESG prestava o serviço de tornar parte da elite consciente de alguns de seus problemas – e da importância de sua missão, se quisesse cumpri-la – num país onde a cidadania tem estado tão avassalada que praticamente desapareceu como expressão política efetiva.

Não pode, pois, nos surpreender que a ESG tenha permitido que se cultivasse a seu respeito um certo MISTÉRIO. Afinal, ingressar nela era penetrar nas coisas mais complexas e completas do Brasil. Como todo mistério, sugeria uma certa iniciação – como ocorre nos

importantes institutos do mundo, e como ocorria, por exemplo, em Sagres. (era o mistério da Circunavegação). Havia, sim, pompa e circunstância e trescalava de tudo uma certa atmosfera mística – a dos “iniciados”. Foi isso ruim? Recebia da sociedade respeito e interesse e oferecia oportunidade ímpar de estudos e trabalhos, pesquisa e formulação de teses, uma espécie de esqueleto escarnado – que era a doutrina – que oferecia conceitos e alguns recursos e recolhia o trabalho dos estagiários como resposta, elaborado com liberdade.

Agora, sinto que se pretende um instituto igual a outros – a muitos dos já existentes – que não ofereça nenhuma originalidade, que não cultive seus pequenos segredos. Quem vai ganhar com isto, quando a ESG for igual aos do quadrilátero da praça Pio X?

A doutrina – que em muitos pontos precisa ser atualizada e revista – contudo, mesmo defasada, oferecia e oferece as condições de uma linguagem de acesso ao mistério, de vocabulário comum aos estagiários, de direção da pesquisa e dos debates. Do contrário, para onde guiar os esforços? O que parece ser o bem? É disto que se trata? Como facultar a discussão de um assunto que lhes é estranho, entre um aviador e um tributarista, sem cair num debate vulgar?

De outra parte, esse intelectual orgânico, por sua natureza interpretativa, de orientador, deverá (e deve) parecer-se com o PROFETA – eis que revela o reverso da trama. Não basta explicar – o que é trivial. É necessário entender a metaproposta, a agenda oculta – o que não é possível numa escola que respira o clima do facilitário, que não tem as complexidades como objeto. Essa busca e revelação decorrem de estudos e do próprio ambiente da instituição, de sua mística, de sua identidade, de sua proposta exclusiva.

Um professor que nos veio fazer uma palestra falou de muitas coisas óbvias para velhos professores, mas não tocou na questão da dialética da construção do saber e da socialização do conhecimento. Uma escola existe para isso. E há problemas consistentes na operação dessa dialética. Um deles, que não é suficiente dispor as pessoas em grupos e pô-las para ler ou discutir um assunto, porque, faltando o saber iluminador (que não dá conta do recado entre tantos grupos e trabalhos), o saber não se constrói e o que se socializa é a INFORMAÇÃO (e não o conhecimento). E informação é exatamente o que hoje todo mundo tem, a mesma, e não sabe o que fazer com ela, por falta de recursos conceptuais-teóricos e de teleologia de fundo axiológico. Para exemplificar, vale citar as propostas de reforma num fundo de previdência privada de um grande banco. Por que as pessoas votaram a favor de uma reforma que não lhes convinha? Tinham informação, mas não tinham conhecimento. O que dizer dos muitos que apoiaram a “modernização”, a chamada inserção internacional competitiva por modernização

tecnológica? Tinham informação? É claro. Mas não sabiam que aquilo significava desemprego, endividamento, recessão, retrocesso industrial, empobrecimento com perda de direitos sociais, privatização onerosa de direitos relativos à saúde, à educação etc.

A verdade é que não se muda nada pelo que se conhece (supondo que se saiba), mas pelo que se é. É o ser que põe em ação o que se conhece, que nos impele a transformar/mudar por razões fortes, que nunca estão fora, mas dentro de cada um. (as pessoas devem ser heróis, heroínas de si mesmas, autênticas).

A ESG preocupa-se – e deve continuar assim – em desenvolver uma ATITUDE/POSTURA de busca e compromisso. Investigar e procurar soluções com fulcro, por exemplo, no Bem Comum. Como renunciar a algo tão universal e tão importante? Não basta a obviedade de afirmar, como quem descobriu um segredo, que o mundo mudou. Quando, antes, ele deixou de mudar? O que é que não muda nesta vida?

Será que não se percebe o absurdo de agir apenas em nome dessa obviedade? Importa indagar do sentido e significado da mudança, para não se tornar um repetidor de frases, um ventríloquo – os outros falam por meio dele. Lembro-me de uma história de Kierkegaard, que narra o drama de um palhaço – perfeito em meios e modos – que corre à aldeia para contar, aflito, que o circo estava pegando fogo. Foi muito aplaudido pela “apresentação”, magnífica. O circo foi destruído.

A ESG é uma escola única – e precisa continuar assim. Precisa preservar o seu espírito, no interesse do Brasil e da compreensão que têm os militares da sócio-política. Como setor importante, responsável, do Estado e da Nação, não podem eles estar alheios a isso.

Testemunhei o obstinado esforço para evitar que os militares criassem um instituto de alto nível na área das Ciências Sociais – e até mesmo as tentativas de cassar o existente. Poderiam ter institutos de física, engenharia, matemática, eletricidade etc. Mas não na área da Política e das chamadas Ciências Sociais. “As armas requerem espírito como as letras”, nos ensina Miguel de Cervantes (D. Quixote, 1ª parte), quer dizer, inspiração, ideais. As dificuldades criadas foram muitas, de todo gênero. Ocorre-me também o problema das diferenças nas gratificações – que irritam e desestimulam os civis e constroem os militares, que acabam vistos como privilegiados.

Todos sabem que o ânimo militar é o de serviço, e muitos são os exemplos, bastando lembrar aquele clássico, quando Rondon, em resposta a J.J. Seabra, ministro da Viação, que alegava não ter verbas para manter a missão junto aos índios, replicava, em texto de telegrama

escrito em plena selva de Mato Grosso: faça um esforço de sua parte e, daqui, reduza 25% nas gratificações das praças, 50% dos oficiais e, do comandante, cem por cento. É claro que a missão continuou.

A elite brasileira, cúpida mais do que outras, precisa de um instituto misto (civil-militar) de alto padrão, como este, para ter um lugar onde desenvolver sua compreensão do compromisso que precisa ter com o país, (levá-la a tomar consciência e a formular compromisso com a Nação), principalmente nesta fase em que tudo conspira para embotar a capacidade das pessoas de assumir compromisso, a ousadia do engajamento.

A ESG – que é escola, é superior (por que a elite está aqui e não alhures?) e é de guerra (designação até recentemente dos negócios da defesa do Brasil) – que não se deve confundir com certos conventículos universitários que não cultivam nem o saber nem o dever – mas dão caminho a interesses não publicáveis – deverá continuar sendo o lugar onde se cultiva a inteligência, o coração (o “esprit de finesse”, de Pascal) e o compromisso com o Brasil , dentro da proposta de desenvolvimento, em nível executivo e administrativo civil, da preocupação com a defesa (ambiente de defesa).

Isto compadece a simplicidade de meios e de técnicas pedagógicas – e especial esforço nas atividades substantivas (nos estudos: fundamentos axiológicos, as disparidades mundiais que são causas da injustiça e portanto dos conflitos, inclusive “guerra assimétrica” etc.) – e a permanência da doutrina (ou que outro nome receba), como recurso de comunicação entre e com os estagiários e como sugestão da formulação de fins. (se não, continuaremos a pensar que o maior problema do país é o superávit primário – porque serve para os banqueiros avaliarem a capacidade de o país pagar seus compromissos).

O professor Paulo Cesar Milani Guimarães é chefe da Divisão de Assuntos Psicossociais da ESG